



Religiosidade e desamparo na adolescência: uma leitura psicanalítica.

Victor Lima Dias, mestrando em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, Universidade Católica de Santos (Unisantos), Santos, SP, Brasil.

Profa. Dra. Thalita Lacerda Nobre. Docente do Mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas (Unisantos), São Paulo, SP, Brasil.

D.O.I.:

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a função da religiosidade na adolescência a partir de uma perspectiva psicanalítica, tomando como eixo central o conceito de desamparo. Parte-se do entendimento de que a adolescência constitui um momento de intensas transformações psíquicas, marcado pela perda de referências infantis e pela necessidade de construção de novas formas de pertencimento. Nessas condições, as crises vivenciadas pelo adolescente colocam em questão suas certezas, reatualizando o desamparo originário e a angústia. Com base nas contribuições de Sigmund Freud, especialmente no que se refere à relação entre desamparo, angústia e religião, argumenta-se que a religiosidade possa ser compreendida como uma resposta psíquica e cultural à vulnerabilidade humana. Além disso, a análise considera a dimensão grupal da experiência religiosa, destacando seu papel na produção de pertencimento e na organização da subjetividade. No contexto brasileiro contemporâneo, marcado pela expansão das igrejas evangélicas, a inserção em comunidades religiosas revela-se como um importante recurso simbólico para adolescentes, oferecendo reconhecimento, sentido e suporte diante das incertezas próprias desse período. Conclui-se que a religiosidade pode operar como um dispositivo de elaboração do desamparo, contribuindo para a sustentação da experiência subjetiva e para a inserção do jovem no laço social.



Palavras-chave: Desamparo. Adolescência. Religiosidade. Pertencimento. Angústia.

ABSTRACT

This article aims to discuss the role of religiosity in adolescence from a psychoanalytic perspective, taking the concept of helplessness as its central axis. Adolescence is understood as a period of intense psychic transformations, marked by the loss of childhood references and the need to construct new forms of belonging. In this context, the crises experienced by adolescents call their certainties into question, reactivating original helplessness and mobilizing anxiety. Based on the contributions of Sigmund Freud, particularly regarding the relationship between helplessness, anxiety, and religion, religiosity is interpreted as a psychic and cultural response to human vulnerability. The analysis also considers the group dimension of religious experience, emphasizing its role in fostering belonging and organizing subjectivity. In the contemporary Brazilian context, marked by the expansion of evangelical churches, participation in religious communities emerges as an important symbolic resource for adolescents, offering recognition, meaning, and support in the face of uncertainty. It is concluded that religiosity can function as a means of elaborating helplessness, contributing to the maintenance of subjective experience and the adolescent's integration into the social bond.

Keywords: helplessness. adolescence. religiosity. belonging. anxiety.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui um período marcado por intensas transformações psíquicas, corporais e sociais, no qual o sujeito é convocado a se reposicionar no mundo. Longe de ser apenas uma fase de transição entre infância e vida adulta, trata-se de um momento crítico de reorganização da identidade, atravessado por conflitos, rupturas e pela necessidade de construção de novos referenciais simbólicos. Nesse processo, emergem experiências de

angústia, incerteza e desestabilização que podem ser compreendidas, à luz da psicanálise, como reatualizações do desamparo originário.

Sigmund Freud concebe o desamparo (*Hilflosigkeit*) como uma condição estrutural da existência humana, inaugurada na infância pela dependência radical do outro e posteriormente reinscrita ao longo da vida em situações de perda, ameaça e desorganização psíquica.

A palavra empregada por Freud para designar o desamparo é *HILFLOSIGKEIT*, e segundo Menezes: “Literalmente, *Hilflosigkeit* significa ‘ausência de ajuda’”. O vocábulo é composto por *Hilfflos*, que significa aquele que está sem ajuda ou auxílio. O sufixo “los” representa a negação, que anula a ação do verbo *helfen*; e *keit* significa auxílio, ajuda. Logo, a tradução desamparo, é a simbolização para o conceito de Freud.

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), o autor associa a angústia à vivência de impotência do eu diante de excitações que excedem sua capacidade de elaboração, configurando o desamparo como fundamento da experiência subjetiva. Na adolescência, esse estado tende a se intensificar, uma vez que o sujeito se vê diante da necessidade de abandonar identificações infantis e construir novas formas de pertencimento e reconhecimento.

Paralelamente, observa-se, no contexto brasileiro contemporâneo, o crescimento expressivo das igrejas evangélicas, em especial das vertentes neopentecostais, que têm se consolidado como importantes espaços de sociabilidade, produção de sentido e organização da experiência subjetiva. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), os evangélicos representam uma parcela significativa da população, evidenciando transformações relevantes no campo religioso nacional. Para além de uma adesão doutrinária, a inserção nesses grupos, frequentemente, implica o acesso a redes de apoio, identificação coletiva e estruturas simbólicas capazes de oferecer respostas ao sofrimento psíquico.

Na obra *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud interpreta a religião como uma formação cultural que visa responder ao desamparo humano, projetando na figura de um “Pai protetor” uma instância de amparo, ordem e sentido. Essa leitura permite compreender a religiosidade não apenas como crença, mas como



um recurso psíquico que auxilia o sujeito a lidar com a angústia e a incerteza inerentes à existência. No caso dos adolescentes, inseridos em um momento de fragilidade identitária e busca por pertencimento, a religião pode assumir um papel particularmente significativo.

Diante desse cenário, o presente artigo propõe discutir a função da religiosidade na adolescência a partir de uma perspectiva psicanalítica, investigando de que modo a experiência religiosa pode operar como forma de elaboração do desamparo e como via de construção de pertencimento simbólico. Ao articular contribuições da psicanálise freudiana com reflexões sobre a adolescência e o contexto religioso contemporâneo, busca-se compreender como os jovens encontram, nesses espaços, recursos para significar suas angústias e sustentar sua inserção no laço social.

DESAMPARO ORIGINÁRIO E ADOLESCÊNCIA.

A noção de desamparo ocupa um lugar central na psicanálise freudiana, sendo entendida não como um estado contingente, mas como uma condição estrutural da existência humana. Desde os primeiros momentos da vida, o sujeito encontra-se em uma posição de dependência radical em relação ao outro, o que inscreve no psiquismo uma marca de vulnerabilidade que será reatualizada ao longo do desenvolvimento. Nesse sentido, compreender determinados momentos críticos da vida psíquica implica reconhecer como essa condição originária se reinscreve em novas configurações.

Freud demonstra que a Hilflosigkeit está no fundamento do sujeito, ou seja, a posição de sujeito é submetida à uma condição de desamparo, que diz respeito à condição de incompletude, de finitude, de limite, de solidão, do imprevisível, do inominável do resto pulsional. (Menezes, 2012, p. 96).

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Sigmund Freud estabelece uma relação fundamental entre angústia e desamparo, afirmando que “a angústia é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu

desamparo biológico” (Freud, 1926/1996, p. 40). Ao deslocar a compreensão da angústia para além de um fenômeno meramente fisiológico, Freud a inscreve como resposta do Eu diante de situações em que se vê incapaz de lidar com excitações que o excedem. O desamparo, nesse contexto, configura-se como a matriz a partir da qual a angústia se organiza

Freud afirmara que a verdadeira sede da angústia é o Eu, e não o id ou o corpo. A relação que o Eu estabelece com as outras instâncias vai ser responsável por diferentes modulações de angústia. (ROSSINI; CAMPOS, 2021, p. 89).

Embora tal condição tenha sua origem na infância, ela não permanece restrita a esse período. Ao contrário, manifesta-se de forma renovada em momentos de reorganização psíquica, nos quais o sujeito é confrontado com perdas, rupturas e exigências de elaboração.

Faz-se necessário problematizar o próprio conceito de adolescência, compreendendo-o não como uma etapa natural e universal do desenvolvimento humano, mas como uma construção histórica e social. Ao considerar o percurso da civilização ocidental, observa-se que as chamadas “fases da vida”, ou “fases do desenvolvimento”, são produzidas a partir de determinados contextos culturais.

Nesse sentido, o termo “adolescência” adquire relevância a partir do final do século XIX, especialmente com os estudos de G. Stanley Hall, que, influenciado pelas ideias de Jean-Jacques Rousseau, propôs que esse período não poderia ser reduzido a uma mera transição biológica entre infância e vida adulta. Para Hall, a adolescência constitui um estágio específico do desenvolvimento, marcado por intensas transformações emocionais e morais, sendo caracterizada como um tempo de instabilidade, efervescência psíquica e forte mobilização afetiva (Savage, 2009). O autor descreve o adolescente como um sujeito em “condição volátil”, atravessado por estados emocionais intensos e por uma crescente conscientização da sexualidade.

Do ponto de vista biológico, contudo, é importante distinguir adolescência de puberdade. Conforme Papalia e Olds (2000), a puberdade refere-se ao

processo de maturação sexual e às transformações físicas que marcam o fim da infância, enquanto a adolescência abrange um conjunto mais amplo de mudanças que incluem aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Em consonância com essa distinção, Osório (1992) ressalta que, enquanto a puberdade diz respeito às modificações corporais, a adolescência envolve transformações psicossociais, profundamente influenciadas pelo contexto sociocultural.

Ampliando essa discussão, Outeiral (2005) enfatiza que a adolescência não se manifesta de forma homogênea em todas as culturas, sendo vivida e significada de maneiras distintas conforme os valores e práticas de cada sociedade. Em alguns contextos, essa fase é marcada por rituais de passagem que simbolizam a transição para a vida adulta, enquanto, em outros, pode ser negligenciada ou até mesmo invisibilizada.

A discussão acerca da adolescência como construção sociocultural pode ser aprofundada a partir da análise dos ritos de passagem, que, em diferentes sociedades, desempenham a função de marcar e simbolizar a transição do indivíduo para novas posições no interior do grupo social. Tais rituais não apenas delimitam temporalmente essa passagem, mas também operam como dispositivos simbólicos de integração, conferindo reconhecimento e pertencimento ao sujeito.

Nesse sentido, Luis Outeiral destaca que a participação em ritos de iniciação pode favorecer o desenvolvimento psíquico do adolescente, na medida em que possibilita sua inserção na cultura e nos valores do grupo ao qual pertence. Conforme o autor, “participar do rito de iniciação, e assim se sentir integrado na cultura de seu grupo, poderá ser importante para o desenvolvimento normal do adolescente” (Outeiral, 2005, p. 49), não implicando necessariamente a produção de conflitos emocionais patológicos.

Ao analisar rituais específicos, Outeiral (2005) descreve, por exemplo, práticas presentes na tradição judaica, como o *Brit Milah* e o *Bar Mitzvah*, compreendidos como ritos de passagem relacionados ao desenvolvimento puberal. O primeiro, realizado nos primeiros dias de vida, marca simbolicamente a inserção do indivíduo na comunidade religiosa, enquanto o segundo, celebrado

por volta dos treze anos, representa sua entrada no universo adulto, com a consequente assunção de responsabilidades sociais e religiosas.

Nesse contexto, o *Bar Mitzvah* pode ser interpretado como uma expressão simbólica da aceitação, consciente e inconsciente, das normas do grupo. Outro evento simbólico que se dava com frequência, e atualmente com menor presença, é a festa de aniversário de 15 anos dos filhos. Embora não houvesse caráter explícito de passagem da infância para a vida adulta, o “ritual” contava com cenas que incitavam o crescimento do/da jovem.

No final do século XX, Knobel e Aberastury(1987), sustentam que o adolescente normal é aquele que passa por períodos significativos de mudanças de identidade, à depender do seu contexto social-cultural. Ele dá exemplos de identidades transitórias, como “o período de machismo no rapaz, ou de sedução histeróide na moça” (p.33). Essas identidades circunstanciais são vistas costumeiramente pelo adulto com espanto, e preocupação, porém, essas identificações parciais fazem parte do constructo do sujeito.

Ainda segundo Knobel (1987), a adolescência é marcada por um intenso processo de luto: o luto pelo corpo infantil, pelas identificações anteriores e pelos vínculos dependentes que caracterizaram a infância. Esses lutos não se dão de maneira silenciosa ou linear, mas sim por meio de crises, rupturas e experimentações. É nesse momento que o sujeito precisa construir uma nova imagem de si, reelaborar suas relações com o outro e com o próprio desejo, reorganizando sua posição no mundo.

Dessa forma, compreender o adolescente como fenômeno histórico e contemporâneo requer uma análise não somente conceitual, mas sobretudo social. Em tais situações de crise existencial vivenciadas pelo adolescente, suas certezas são postas em “xeque”, operando como um lembrete do desamparo originário e um convite irrecusável à angústia.

A RELIGIÃO COMO AMPARO E PERTENCIMENTO SIMBÓLICO.

Se o desamparo constitui uma condição estrutural do sujeito, conforme formulado por Sigmund Freud, torna-se necessário compreender de que modo o psiquismo elabora essa condição ao longo da vida. Entre as diversas formas de resposta ao desamparo, a religião ocupa um lugar em destaque, na medida em que oferece ao sujeito um sistema, e uma instituição capaz de conferir sentido à experiência da vulnerabilidade e da angústia.

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud interpreta a religião como uma construção cultural destinada a responder às limitações e incertezas da existência humana. Segundo o autor, as representações religiosas derivam de necessidades psíquicas profundas, especialmente da busca por proteção diante de um mundo percebido como ameaçador. Nesse contexto, a figura de Deus pode ser compreendida como uma projeção da *imago* paterna, investida da função de amparo, orientação e garantia de sentido. Como afirma Freud, “as idéias religiosas são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade” (Freud, 1927/1996, p.39).

Tal formulação não implica reduzir a religião a um mero engano, mas compreendê-la como uma resposta psíquica à condição de desamparo. Ao projetar uma instância protetora e ordenadora, o sujeito encontra uma forma de simbolizar sua vulnerabilidade, atenuando a angústia e organizando sua experiência diante do imprevisível. A religião, nesse sentido, pode ser entendida como um dispositivo simbólico que oferece sustentação ao eu, especialmente em momentos de crise e desorganização.

No que tange ao pertencimento, além da dimensão psíquica, a religião também se constitui como um fenômeno coletivo, articulado à formação de grupos. Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud analisa os mecanismos que sustentam a coesão grupal

A princípio, Freud em diálogo com Le Bon e Mc Dougall (1921/2019), observa que quando os sujeitos procuram e pertencem a algum grupo, há uma influência e sugestão do meio (*ethos*) para o sujeito. O “sujeito se sujeita” às características explícitas e implícitas daquele grupo, e esta sujeição não é tão somente racional, mas sobretudo emocional.



Identificado no grupo pelo envolvimento, o sujeito intensifica extraordinariamente suas emoções e sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida.

Este resultado de envolvimento, identificação, exaltação das emoções e diminuição das capacidades intelectivas pode ser explicado por consequência do movimento que ocorre, quando se está em grupo, das remoções das inibições do superego.

Para compreender a função do pertencimento no interior das formações religiosas, torna-se necessário considerar os efeitos psíquicos implicados na inserção do sujeito em grupos. Nesse contexto, interessa destacar como a participação em um grupo pode intensificar os laços de identificação, afetos e produzir uma reconfiguração das instâncias psíquicas, especialmente no que se refere à regulação das inibições. Tal compreensão permite avançar na análise da religiosidade como espaço de pertencimento, evidenciando de que modo o sujeito, ao se inserir em um coletivo, é atravessado por dinâmicas que excedem a dimensão racional e operam fundamentalmente no campo afetivo.

Partimos do fato fundamental de que o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com frequência constitui profunda alteração em sua atividade mental. Sua submissão à emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo; e esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições aos instintos que são peculiares a cada indivíduo (Freud, 1921/1996, p. 94).

. Ao tomar a Igreja como exemplo de grupo artificial, o autor observa que sua estabilidade está associada à crença em um líder que ama igualmente todos os seus membros. No caso das formações cristãs, essa figura é representada por Deus ou por Cristo, compreendidos, na perspectiva psicanalítica, não apenas como entidades religiosas, mas como figuras simbólicas que encarnam a função paterna. Deus aparece, nesse sentido, como instância de autoridade, proteção e garantia de ordem, enquanto Cristo pode ser entendido como uma figura mediadora, que aproxima o sujeito dessa instância, ao mesmo tempo em que encarna um ideal de amor e sacrifício. Essa configuração permite que o sujeito



estabeleça uma relação de identificação e submissão a uma autoridade simbólica que organiza o laço social. Assim, a crença em um amor igualmente dirigido a todos os membros do grupo opera como uma ilusão estruturante, promovendo vínculos entre os indivíduos e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Nesse contexto, a inserção em uma comunidade religiosa não se reduz à adesão a um conjunto de crenças, mas implica a participação em uma rede de relações que oferecem reconhecimento, identidade e suporte simbólico. O grupo religioso funciona como mediador entre o sujeito e o desamparo, na medida em que proporciona um espaço de identificação e partilha, no qual a angústia pode ser significada coletivamente.

Para o adolescente, situado em um momento de crise identitária e busca por pertencimento, essa dimensão grupal assume especial relevância. A religião, ao oferecer referências simbólicas estáveis, normas compartilhadas e um lugar reconhecido no interior do grupo, pode operar como uma forma de reorganização psíquica diante das incertezas próprias desse período. Assim, mais do que um sistema de crenças, a experiência religiosa se configura como um espaço de amparo simbólico e de inscrição no laço social.

Dessa forma, compreender a religião a partir de uma perspectiva psicanalítica implica reconhecê-la como uma das possíveis respostas do sujeito ao desamparo, articulando dimensões individuais e coletivas na produção de sentido e na sustentação da experiência subjetiva.

RELIGIOSIDADE E PERTENCIMENTO NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade, a busca por pertencimento assume um lugar central na experiência adolescente. Se, por um lado, o adolescente é convocado a afirmar sua singularidade, por outro, encontra-se imerso em uma realidade que oferece poucos suportes consistentes para a construção de sua identidade. É nesse cenário que a inserção em comunidades religiosas pode adquirir uma função significativa na organização da experiência subjetiva.

No Brasil, o crescimento das igrejas evangélicas, em especial das vertentes neopentecostais, evidencia transformações importantes no campo religioso e social. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam que, no Censo Demográfico de 2022, os evangélicos já representam cerca de 26,9% da população brasileira, revelando uma expansão significativa em relação às décadas anteriores. Para além de uma escolha de fé, a participação nesses espaços envolve a inserção em redes de sociabilidade que oferecem acolhimento, reconhecimento e diretrizes normativas. Tais comunidades não apenas transmitem crenças, mas estruturam modos de vida, organizando práticas, valores e formas de pertencimento que incidem diretamente sobre a constituição subjetiva dos indivíduos. Ao ingressar em uma comunidade religiosa, o sujeito encontra não apenas um sistema de significações, mas também um lugar no interior de um coletivo que o reconhece e o nomeia. Esse reconhecimento simbólico contribui para a estabilização da identidade em um momento marcado por incertezas e oscilações.

Além disso, os discursos e práticas presentes nesses contextos frequentemente oferecem interpretações para o sofrimento psíquico, atribuindo-lhe sentido e direção. A angústia, que poderia se manifestar como experiência difusa e desorganizadora, é, muitas vezes, ressignificada à luz de narrativas religiosas que a integram a um horizonte de salvação, propósito ou prova espiritual. Nesse processo, o sofrimento deixa de ser apenas um excesso sem nome e passa a ser compreendido dentro de uma lógica compartilhada, o que pode favorecer sua elaboração.

As contribuições de Joel Birman (2000) auxiliam na compreensão desse cenário ao destacar que o sujeito contemporâneo se constitui em meio a uma lógica marcada pelo narcisismo e pela performatividade. Segundo o autor, a fragilização dos laços sociais e a centralidade da imagem produzem modos de subjetivação nos quais o reconhecimento externo se torna fundamental. Nesse contexto, a inserção em grupos que oferecem pertencimento e validação pode operar como uma resposta à instabilidade identitária e ao sentimento de desamparo.

Nessa sociedade do espetáculo o que vale é a exibição de troféus individuais e simbólicos que são reconhecidos pelos pares como objeto de

prestígio. Os sujeitos vestem máscaras, e tornam-se personas. “Assim, ser e parecer se identificam absolutamente no discurso narcísico do espetáculo, sendo aquele o pressuposto ontológico dessa interpretação da sociabilidade.” (Birman, 2016, p. 197)

Dessa forma, a religiosidade na adolescência contemporânea pode ser compreendida não apenas como adesão a um sistema de crenças, mas como uma prática que articula pertencimento, identidade e produção de sentido. Ao oferecer um lugar no laço social e um conjunto de referências simbólicas, a experiência religiosa pode funcionar como um dos modos pelos quais o adolescente busca sustentar sua existência diante das exigências e incertezas do mundo atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso desenvolvido, foi possível compreender que o desamparo, conforme formulado por Sigmund Freud, constitui uma condição estrutural da experiência humana, sendo reatualizado de maneira particularmente intensa na adolescência. Nesse período, marcado por perdas, transformações e instabilidade identitária, o sujeito se vê confrontado com a necessidade de reorganizar suas referências simbólicas e de construir novas formas de pertencimento.

As crises próprias da adolescência, ao colocarem em “xeque” as certezas e identificações anteriormente estabelecidas, evidenciam a fragilidade das bases que sustentam o eu, reativando a experiência de desamparo e mobilizando a angústia. Longe de serem compreendidas como meros desvios ou patologias, tais experiências podem ser reconhecidas como parte constitutiva do processo de subjetivação, exigindo do sujeito um trabalho psíquico de elaboração e simbolização.

Nesse contexto, a religiosidade se apresenta como uma das possíveis respostas ao desamparo, operando tanto no plano individual quanto coletivo. Conforme discutido, a religião, ao oferecer um sistema de significações, uma

figura de amparo simbólico e um espaço de pertencimento grupal, pode contribuir para a organização da experiência subjetiva diante das incertezas da existência. A inserção em comunidades religiosas possibilita ao adolescente não apenas atribuir sentido ao sofrimento, mas também encontrar reconhecimento e estabilidade em meio às oscilações próprias desse período.

No cenário brasileiro contemporâneo, marcado pela expansão das igrejas evangélicas e pela reconfiguração dos laços sociais, essa dimensão torna-se ainda mais relevante. A participação em tais comunidades evidencia que a religiosidade não se restringe ao campo da crença, mas se articula a modos de vida, formas de sociabilidade e processos de construção identitária.

Dessa forma, compreender a relação entre adolescência, desamparo e religiosidade implica reconhecer a complexidade dos modos pelos quais o sujeito busca sustentar sua existência diante da falta de garantias que caracteriza a condição humana. Para além de julgamentos normativos, trata-se de abrir espaço para uma escuta que considere a religião como um dos possíveis dispositivos de elaboração psíquica, capaz de oferecer suporte simbólico e favorecer a inscrição do adolescente no laço social.

Por fim, este estudo aponta para a importância de novas investigações que aprofundem a articulação entre psicanálise, religião e juventude, especialmente a partir de pesquisas empíricas que possam explorar, de maneira mais detalhada, as experiências singulares dos adolescentes em contextos de fé. Tal perspectiva pode contribuir não apenas para o campo acadêmico, mas também para a atuação de profissionais da psicologia, educação e áreas afins, ampliando as possibilidades de compreensão e acolhimento do sofrimento psíquico juvenil.



REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. **Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 2000.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. **Rio de Janeiro**: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. **Rio de Janeiro**: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. **Rio de Janeiro**: Imago, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Agência IBGE Notícias, **Rio de Janeiro**, 6 jun. 2025. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf. Acesso em: 7 abr. 2026.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. Desamparo. **São Paulo**: Casa do Psicólogo, 2012.

OUTEIRAL, J. Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes: desenvolvimento, psicopatologia e tratamento. 2. ed. **Rio de Janeiro**: Revinter, 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. Desenvolvimento humano. 7. ed. **Porto Alegre**: Artes Médicas Sul, 2000.

ROSSINI, Renan Siqueira; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Desamparo e dimensões da angústia na obra de Freud. In: CAMPOS, Érico Bruno Viana; BOCCHI, Josiane Cristina; LOFFREDO, Ana Maria (org.). Psicanálise em face ao desamparo e seus destinos. **São Paulo**: Editora Unesp, 2021. p. 71-98.

SAVAGE, J. A criação da juventude. **Rio de Janeiro**: Rocco, 2009.